

A flor de proveta do Planalto

Ricardo Noblat

O fenômeno não é novo, pelo contrário. Só não é mais velho que a Sé de Braga. Por repetir-se, rotineiramente, não chega mais a ser um fenômeno. Incorporou-se ao calendário político do país e frequente, por isso mesmo, a agenda dos jornalistas. O ex-deputado Thales Ramalho batizou-o de "flor do recesso". Definiu-o como uma idéia, ou conjunto de idéias, às vezes um movimento, que dá a impressão de ter tudo para vingar e para produzir consequências importantes.

A "flor" costuma brotar no início do recesso do Congresso a cada mês de julho ou a cada final do ano — e na verdade, como guarda vida efêmera, começa logo a murchar quando senadores e deputados reocupam seus assentos em Brasília. Serve para entreter alguns políticos que resistem à desativação, temporária, do debate parlamentar — ou que não conseguem ficar muito tempo distantes de câmeras e microfones. Existem muitos nessa condição. Alguns aproveitam a baixa estação de notícias para brilhar.

Por vezes, a "flor do recesso" serve para que o governo alimente a esperança do cidadão de que é criativo e de que está funcionando a pleno vapor. A esperança logo fenece. A "flor" é, especialmente, cara aos jornalistas, ameaçados de não terem o que fazer. Foi, por exemplo, provocado por um deles que o deputado Fernando Lyra, ali pelos idos de 70, pôs em circulação a proposta de diálogo entre opositores assumidos e militares empenhados em conjurar a subversão da ordem pública.

Na época, a proposta de Lyra cheirou à subversão. Os "autênticos" do então MDB a repeliram por sugerir adesismo. Os chefes militares preferiram tentar descobrir o que de maligno ela poderia ocultar. Serviu, de todo modo, para que o jornalista fosse para casa com a sensação do dever cumprido, para que seu jornal colorisse a edição da segunda-feira com algo diferente do sol que lotou as praias ou do resultado do futebol, e para que a pasmeira do recesso, afinal, fosse sacudida.

O atual recesso do Congresso é atípico — aliás, de acordo com o figurino atípico de um regime que se intitula de novo sem deixar de ser velho, de uma inflação sob controle que ameaça disparar, e de um presidente que quer aproveitar o quinto ano de mandato para corrigir o que fez



de errado nos três primeiros. Brasília está vazia de políticos mas os que nela permanecem têm o poder de cultivar algo mais perene que uma flor.

É o caso dos deputados Bernardo Cabral e Ulysses Guimarães. Cabral semeou, com o parecer que deu às emendas ao projeto de Constituição, o que a grosso modo poderá ou não mudar no segundo turno de votação da Constituinte. Ulysses se prepara para negociar as mudanças com as lideranças partidárias, sem perder de vista a crise que corrói seu partido. O PMDB vai mal e ele sabe disso. Não é certo que à sua crise possa ser aplicado, com êxito, o cataplasma da conciliação.

Mesmo atípico, o atual recesso parlamentar vai conseguindo gerar a sua "flor". Ela está sendo, zelosamente, regada no canteiro do Palácio do Planalto. Libera o falso aroma de que o governo está mobilizado para patrocinar fundas alterações no projeto de constituição que o presidente não se cansa de criticar. Ora anuncia-se que o governo elaborou mais de 50 emendas que quer ver aprovadas. Ora alardeia-se que usará a bancada que diz ter para empurrar as emendas goela a baixo da Constituinte.

O número de 50 emendas oficiais já está sendo reduzido para dez ou um pouco mais — o que é prova de realismo, mas também demonstra que o governo não acredita tanto no seu poder de fogo. De fato, ao longo do processo constituinte, o presidente renunciou ao seu legítimo direito de influenciar às decisões de senadores e deputados. Assim agiu com receio de travar, enfraquecido, as duas únicas batalhas que lhe inportavam — a do sistema de governo e a do mandato.

Correr, agora, atrás do prejuízo colhido nas demais batalhas que se recusou a travar, pode ser muito tarde, será inútil na maioria das vezes, e só servirá para enganar os trouxas, ainda capazes de se impressionar com a encenação que lhes é apresentada. Com três anos e quatro meses de existência, o governo continua, politicamente, desarticulado. Conseguiu a proeza de ficar em minoria no Senado — uma casa conservadora, onde os governos sempre tiveram uma vida fácil.

Não cuidou com eficiência de organizar uma bancada na Câmara. Não tentou, ou não quis tentar, se entender com segmentos expressivos da sociedade em torno do projeto de uma nova Constituição. A exuberância da "flor" adubada pelos jardineiros oficiais trai sua natureza de proveta ao exame ao exame mais superficial que se faça dos sucessos tidos pelo governo, até aqui. Foram ralos.

Os interessados em mudar o projeto de Constituição que se movimentem com suas próprias pernas. A ajuda que o governo lhes dará será de natureza retórica.